

Conversas com Sérgio Buarque de Holanda*

Conversations with Sérgio Buarque de Holanda

MARTINS, Renato (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009, 216 p.

Rafael Pereira da Silva

Doutorando

Universidade Estadual de Campinas

rapersilva@gmail.com

Rua Luiz Oscar de Carvalho, 149, bloco D, apto 407 - Trindade

88036-400 - Florianópolis - SC

Brasil

Palavras-chave

Historiografia; História; Memória.

Keywords

232 Historiography; History; Memory.

Enviado em: 2/12/2011

Aprovado em: 2/2/2012

* Pesquisa financiada pelo CNPq.

Em 2011, o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) realizou o Seminário Atualidades de Sérgio Buarque de Holanda, que contou com a presença de nomes de peso da produção acadêmica brasileira e internacional, como, por exemplo, Antonio Cândido, Laura de Mello e Souza, Richard Graham, e Antonio Arnoni Prado, entre outros. O evento, além de fazer parte do cinquentenário de criação do IEB, do qual Sérgio fora um dos idealizadores, propunha discutir a atualidade do pensamento do homenageado, em especial sua contribuição à historiografia e ao pensamento político brasileiro.

Realizado na Universidade de São Paulo (USP), o seminário reforçou uma tendência bastante frequente nas sociedades contemporâneas, qual seja, “o inquietante espetáculo que apresenta o excesso de memória e de esquecimento, sem falar da influência das comemorações e dos erros de memória- e de esquecimento”, tema profundamente abordado por Paul Ricoeur, que propunha ainda a ideia de uma “política da justa memória”, um de seus temas cívicos confessos (RICOEUR 2007, p. 17).

Desse modo, o livro Sérgio Buarque de Holanda: Encontros, organizado por Renato Martins, reforça a mística de uma memória oficial do historiador, ou seja, apresenta a personagem tal como já constituída por uma vasta fortuna crítica, em parte memorialística e testemunhal, escrita por sua viúva, Maria Amélia e por seus pares e discípulos após 1982, ano de seu falecimento.

Até o final dos anos 1990, quando, valendo-se dos arquivos privados e da biblioteca de Sérgio Buarque de Holanda, os estudos ganham um ar mais crítico, é possível identificar uma narrativa linear, muitas vezes escrita por quem com Sérgio conviveu e atravessou os percalços e transformações de seu tempo. Assim é que Antonio Cândido, Francisco de Assis Barbosa ou Maria Odila L. da Silva Dias, por exemplo, trazem à tona a imagem de um intelectual multifacetado, dividido entre os ofícios de jornalista, crítico literário, ensaísta e historiador, e transeunte dos grandes centros produtores de conhecimento intelectual do país, São Paulo e Rio de Janeiro.

Das narrativas que emergem de seus amigos muito próximos, Sérgio Buarque parece ter tido uma trajetória intelectual marcada pela genialidade precoce, pois ainda criança já havia publicado a valsa “Vitória Régia” na revista *Tico-Tico*. Aos 18, publicou o seu primeiro artigo em periódico, empurrado por nada menos que seu professor de história no Ginásio São Bento, em São Paulo, o já consagrado historiador Afonso Taunay.

Integrou a lista dos nomes sempre lembrados da Semana de Arte Moderna de 1922, embora na época estivesse residindo no Rio de Janeiro, de onde representou a pouca duradoura, mas impactante *Klaxon*. Com o amigo Prudente de Moraes, neto, fundou a também inovadora *Estética*, mais uma experiência efêmera, porém, bastante significativa para os rumos que o modernismo pós-22 tomava, com as celeumas entre os modernistas e os academicistas, embates que resultaram nos conhecidos artigos “Perspectivas” e “O lado oposto e outros lados”.

Quando na Alemanha em 1929, o jovem correspondente dos *Diários Associados* exerceu diversas atividades, sempre muito exaltadas, até seu

retorno em 1931. Trabalhou como tradutor na legendagem do filme *O anjo azul*, com Marlene Dietrich, escreveu na revista bilíngue *DUCO*, entrevistou o escritor Thomas Mann e virou adepto das concepções sociológicas de Max Weber e historiográficas de Ranke e Meinecke - influências determinantes para sua obra mestra, *Raízes do Brasil*.

Publicado pela José Olympio, Sérgio Buarque torna-se reconhecido, agora como escritor, mesmo que a obra só voltasse a ser editada mais de uma década depois e com significativas modificações.¹ Do reconhecimento para as esferas estatais do governo Vargas, não mais parou de acumular cargos importantes no campo cultural, até se tornar professor da USP. Na efêmera Universidade do Distrito Federal (UDF), foi assistente do famoso professor e historiador francês Henri Hauser, vaga preenchida por intermédio de seu compadre Prudente de Moraes, neto. A convite do poeta Augusto Meyer, nomeado de Getúlio Vargas, dirigiu a sessão de publicações do Instituto Nacional do Livro, tendo ainda trabalhado na Biblioteca Nacional.

Caindo Vargas, assumiu como diretor do Museu Paulista a partir de 1946, seguindo nos termos de 1952 para Roma e retornando ao Brasil em 1954. Nesse período, ainda dirigiu o Museu de Arte Moderna de São Paulo, participou da Associação Brasileira de Escritores e da Academia Paulista de Letras. Sempre foi visto como um homem de esquerda, adepto de um radicalismo democrático, ou em outras adjetivações, como socialista.

Dividido entre o Rio de Janeiro, São Paulo e esporádicas viagens pelos Estados Unidos e Europa, Sérgio Buarque sempre viveu rodeado de amigos importantes, o que é perceptível na sua correspondência privada e em sua biblioteca recheada de dedicatórias. Parece ter atravessado a vida sem ter tido desafetos ou quaisquer inimizades, salvo pequenas celeumas intelectuais, como as que teve com Jaime Cortesão ou Oliveira Vianna.² Porém, a mais lembrada sem dúvida foi com o colega de departamento da USP, o professor Carlos Guilherme Mota, cujas farpas respingaram nas páginas de *O Estado de São Paulo* em 1973.³ Sérgio Buarque faleceu aos 80 anos após ter assinado a ata de fundação do Partido dos Trabalhadores.

Apenas no final dos anos 90 é que as narrativas testemunhais de sua trajetória pessoal cedem lugar a estudos mais críticos e sistemáticos de sua obra, com dissertações e teses sendo defendidas em diversos programas de pós-graduação. Parte dos estudos foi motivada pela consulta à sua biblioteca e ao seu arquivo privado, localizados na Unicamp, fazendo com que Sérgio Buarque continuasse a ser personagem de debates e tema de produções acadêmicas, postergando assim, sua memória para os dias de hoje.

¹ Sobre as edições de *Raízes do Brasil*, bem como as implicações políticas dessas modificações para a historiografia, ver: ROCHA 2008, p. 245-275.

² Ver a introdução do próprio Sérgio Buarque em HOLANDA 1979.

³ Parte dessa celeuma é contada pelo próprio Carlos Guilherme Mota em MOTA 2010. Em especial o capítulo "Os fazendeiros do ar".

Na contramão dos atuais estudos sobre o historiador paulista,⁴ o livro de Renato Martins pode ser visto muito mais como parte de um projeto da Azougue Editorial, que organizou ainda diversas outras coletâneas de entrevistas com artistas, músicos e escritores, do que como parte de um conjunto de fontes para uma pesquisa mais consistente sobre a trajetória de Sérgio.

O livro conta com uma apresentação, dezesseis entrevistas e uma cronologia ao final do volume. De formato pequeno e bom acabamento, ele sugere um passeio pela vida do intelectual. Desse modo, o tempo de leitura das 215 páginas voa como uma boa conversa de amigos em um bar, também porque algumas das entrevistas levantadas por Martins possuem essa informalidade. Da juventude modernista à maturidade serena, é o “pai do Chico” quem conta sua vida, explica, esclarece dúvidas e as expõem também ao leitor - contraponto importante de seu perfil oficial.

Em algumas entrevistas, Sérgio Buarque muda de lado, demonstrando suas facetas de crítico literário e jornalista, quando, por exemplo, entrevista Pirandello, em 1927 e Thomas Mann, num hotel em Berlin em 1930. Em outras é um pouco mais formal, conforme se verifica no tom de quem o entrevista. Há ainda o retratista, quando discorre sobre seu filho, Chico e seu amigo Vinícius de Moraes, ou o piadista, quando se diverte em sua casa da rua Buri, no Pacaembu com seus velhos amigos Paulo Duarte, Tarso de Castro e Sérgio Gomes. Ao que tudo indica, esfumaçados por cigarrilhas e movidos por litros de uísque:

“Preciso fazer uma coisinha”, afirma Sérgio, “passa essa bengala aí. A bengala é o meu pai-nosso-de-cada-dia-hoje! Olha, mas tem muito uísque aqui em baixo ainda? Lá em cima tem à beça, mas não posso subir. Ontem tinha umas meninas aí, tomaram muito uísque, olha a garrafa. Um restinho, não tem um restinho”. Tarso pega apressado outra garrafa, de baixo da mesa e diz: não, não, tem aqui. Sérgio retruca: “Eu tenho medo que acabe, né? Cuidado com essa gente!” (MARTINS 2009, p. 133-134).

235

Motivo de boas risadas dentre os “causos” rememorados pelos amigos é a história dos dois litros de cachaça, narrada por Paulo Duarte. Após ter sido convidado a se retirar do país depois que Vargas assumiu o poder em 1930, Duarte parte para Paris. Durante o trajeto, o navio em que se encontrava ancorou por algumas horas na Bahia. Com pouco dinheiro, pediu a um dos guardas que o acompanhava para lhe comprar um litro de pinga. O guarda voltou com dois. Duarte guardou os litros em sua mala até chegarem em Portugal. Pereira Lima o acompanhava no exílio. No hotel e com o frio que fazia por lá, a primeira garrafa se esvaziou.

No dia seguinte, Paulo Duarte havia comprado gasolina para limpar o único terno que levava consigo na viagem, antes de partir para a capital francesa. Enche a mesma garrafa que um dia antes haviam esvaziado. Pereira Lima sobe

⁴ Dentre os estudos acadêmicos publicados nesse período descrito, destacam-se, entre outros, MONTEIRO 1999; WEGNER 2000; em tom mais crítico, a coletânea de MEIRA e EUGENIO 2008; e NICODEMO 2008.

até o quarto em que se encontrava o amigo e, no impulso, bebe gasolina. Esse foi apenas o início do desenrolar que levou Duarte a trabalhar como jornalista durante algum tempo em Paris. Quanto ao segundo litro? Bem, ele foi degustado por apreciadores da boa mesa no jantar oficial do Clube dos Gastrônomos, no luxuoso restaurante Rampoleaux, em Paris. Não haveria aqui linhas suficientes para continuar essa epopeia. Durante as risadas, Sérgio fazia pequenos questionamentos (MARTINS 2009, p. 113-114).

Se por um lado, o livro trás verdadeiros tesouros, como a conversa aqui descrita; por outro, apresenta entrevistas, em geral, bastante conhecidas pelos pesquisadores, como a que Sérgio deu à revista *Veja*, em 1976, e a sempre citada, concedida a Richard Graham em 1982 e publicada, primeiramente em inglês, na *Hispanic American Historical Review*. Do conjunto total, nove delas têm como data o período pós-1964. Nota-se que a problemática do Estado autoritário naquele momento se fez muito presente. Por diversos momentos, o historiador foi questionado sobre a democracia, sua experiência na USP, as perspectivas do país para o futuro.

Nas suas respostas, em muito se referiu ao período imperial brasileiro, em especial ao sistema eleitoral do período, tema explorado por Richard Graham, no Seminário Atualidades de Sérgio Buarque de Holanda. Quando de seu afastamento da USP em 1969, considerado heroico, ou simbólico por muitos de seus comentadores, Sérgio afirma não ter sido "nada heroico", pois afinal, dizia ele, "eu tinha tempo garantido e me aposentei com meus vencimentos" (MARTINS 2009, p. 101). Já as perspectivas futuras do país não eram para ele muito animadoras. Há no livro outros temas que atravessam as entrevistas. Podem-se elencar as polêmicas geradas a partir do conceito do "homem cordial", as buscas da identidade em *Raízes do Brasil* ou as opiniões do escritor sobre o presente dos movimentos literário e historiográfico.

Vale ressaltar ainda que as entrevistas apresentadas nesta obra compõem apenas um pequeno fragmento do que há no acervo do homenageado, aberto para consulta no Arquivo Central da Unicamp. Dos dezesseis depoimentos apresentados ao leitor, apenas oito coincidem com os trinta e dois que formam a subsérie: entrevistas, da série *Vida Pessoal*, que inclui ainda centenas de fotografias de Sérgio Buarque, com familiares e diversos intelectuais.⁵

Quanto ao texto de apresentação de Renato Martins, nada traz de novo. Sua leitura de Sérgio Buarque em nada difere das de seus mais ilustres comentadores. Aqui, mais uma vez, a linha do tempo que liga o jovem modernista ao membro fundador do Partido dos Trabalhadores é seguida à risca, ficando as nuances de uma leitura a contrapelo, ou da busca de uma "política da boa memória", a cargo de quem quiser se aventurar nesses encontros.

⁵ Para maiores informações, ver o Catálogo do Arquivo Sérgio Buarque de Holanda.

Referências bibliográficas

- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Tentativas de mitologia**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- MEIRA, Pedro; EUGÊNIO, João Kennedy. **Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.
- MONTEIRO, Pedro Meira. **A queda do aventureiro**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- MOTA, Carlos Guilherme. **História e contra-história: perfis contemporâneos**. São Paulo: Globo, 2010.
- NICODEMO, Thiago Lima. **A urdidura do vivido**. São Paulo: EdUSP, 2008.
- ROCHA, João Cezar de Castro. O exílio como eixo: bem sucedidos e desterrados, ou Por uma edição crítica de Raízes do Brasil. In: MONTEIRO, P. M.; EUGÊNIO, J. K. (orgs.) **Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas**: São Paulo; Rio de Janeiro: Editora da Unicamp: EdUERJ, 2008.
- WEGNER, Robert. **A conquista do oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.